

# A Taça de Menelau

A Heitor Modesto

«A Hélène se rattache la poétique tradition qui  
voulait que sur son beau sein eut moulée une  
coupe de la forme la plus pure.»

(Lasteyrie — Hist. de l'orfèvrerie.)

ANTÔNIO SALES

Paris, querendo um dia ante o templo de Apolo  
Sacrificar, deixou, transpondo o Egeu, o solo  
Da Ílion sagrada, e tomou rumo a Esparta,  
Terra brava e feliz, de ferro e vinhas farta.  
A seus pés brando flue, marulhoso e fecundo,  
O Eurotas, e, no azul luminoso e profundo  
Do céu jônio, o Taigéto, impávido, se alteia  
Vendo perto alvejar o crescente de areia  
Da praia, sob o anil do golfo amplo e tranquilo,  
E verdejarem longe Andros, Sifeno, Milo,  
E as claras ilhas mais de que o Egeu se constela...  
Terra estóica e viril, terra gloriosa e bela !

Entanto, ali reinava a torva dinastia  
Dos Atridas fatais, cuja história sombria,  
Feita de sangue e horror, de parricídio e incesto,  
Espalhara na terra o pretígio funesto,  
A grandiosa e sinistra inspiração do crime,  
Porque assim se criasse, imortal e sublime,  
A musa da Tragédia. Era mister que Oreste,  
Electra, Clitemnestra, Agamêmnon e Tieste  
Incarnassem do mal os fatídicos gênios  
Para que se afirmasse em monumentos êneos  
O espírito sem par da melpomênia musa,  
Que tem o dulçor de Hera e o furor de Medusa.

Sobre um povo de heróis, de alma impávida, ardente,  
Reinava Menelau, mofino descendente  
De Tântalo cruel, na rígida Lacônia.  
Bela como a imortal que Eros da espuma jônia  
Fez surgir, gotejante e de mil graças plena,  
Partilhava o seu trono e o seu tálamo, Helena.

Dos Dioscuros irmã, filha da astuta Leda  
 E do divino Zeus (que Hesíodo me conceda  
 Duvidar que um mortal, que Tindáreo a gerasse),  
 Como os gêmeos irmãos, ela tinha na face  
 O cunho augusto e heril de uma sagrada origem.  
 Só o beijo de um deus, na fecunda vertigem,  
 A pudera formar tão grandemente bela  
 Que a escultura pagã teve o seu tipo nela,  
 Pois nela se encarnou a majestade e a graça  
 Com que sonhara o gênio estético da raça,  
 Quando no Olimpo honrou, com o emblema da realeza,  
 A par da força — Zeus, Afrodite — a beleza.  
 Jamais cetro perpez de súditos o anelo  
 Como Helena a reinar nesse reino do belo.  
 Toda a Hélade era então um templo de Afrodite:  
 O ouro, a prata, o bronze, o electro, a diorite,  
 O mármore imortal do Pentélico e Paros,  
 Tudo se transformou em movimentos preclaros,  
 Em estátuas, broquéis, vasos, jóias, relevos,  
 Da excelsa perfeição áureos padrões longevos,  
 Ante cuja grandeza inda hoje nos curvamos.

Um artista existiu — Recus, filho de Samos —,  
 Que a todos excedeu na perfeição suprema  
 Com que o metal lavrava e cinzelava a gema.  
 Era de sua mão a grande roca de ouro  
 De que Alcândara privou seu opimo tesouro  
 Para enviar a Helena o mimo esponsalício.  
 Foi Réia, a lenda diz, quem lhe ensinara o officio.  
 E, pois, Recus criou profusas maravilhas,  
 E desde a escusa Ilíria às mais remotas ilhas,  
 Quer nas regiões mansões, quer nos templos dos deuses,  
 Em Delfos, no Peneu, na Táurida, em Eleusis  
 As suas criações de encantos soberanos  
 O sagraram rival de Hefesto entre os humanos.

Menelau o chamara a Esparta, e lhe ordenara  
 De uma taça lavrar qual nunca se lavrara,  
 No metal que ilumina o leito de Pactolo,  
 Para nela fazer as libações a Apolo.  
 Recus jurou cumprir essa vontade régia,  
 E ao templo foi pedir a proteção egregia  
 Da deusa que preside às artes. Quis Atena  
 Ser propícia e mostrou-lhe em seus sonhos — Helena.  
 No outro dia, a vagar através do arvoredo  
 Da vivenda real, à sombra de um vinhedo  
 Encontra a dormir de Menelau a esposa.  
 Recus, de puro assombro, um passo mais não ousa.  
 Junto dela se vê uma argêntea corbelha  
 Contendo frosos de ouro e de seda vermelha.  
 Ela viera bordar. Que o diga o doce plectro  
 De Teócrito, a entoar em peregrino metro  
 O epitalâmio em honra às memoráveis bodas  
 De Helena e Menelau: digam-no as musas todas  
 Do arquipélago egino e do Peloponeso

Como essas belas mãos, tão frageis para o peso  
De um cetro, eram sutís em recobrir a trama  
Do ostro e em marchetar de pérolas a lhama,  
Quando não lhe aprazia a pentacórdia lira.  
Helena adormecera; o manto lhe caíra  
Aos pés; no alto do busto entreabrira-se a túnica,  
E, através do rubor da mole seda púnica,  
Claro, tímido, a arfar, com um ponto róseo ao meio,  
Recus, trêmulo, viu o seu divino seio!  
Viu, turvou-se-lhe o olhar, e fugiu apressado...  
A deusa ouvira a prece: o artista havia achado  
O modelo feliz da prometida taça.  
Consente Menelau que de Atena se faça  
A graciosa vontade; Helena anue, corando,  
E do seio o contorno harmonioso e brando  
O artista reproduz num punhado de argila.

E eis que um dia afinal a jóia já cintila  
Em faustoso festim que o rei hospitaleiro  
Dá para receber um príncipe estrangeiro.  
É Paris que, depois de aventureira viagem,  
Vem a Apolo render a piedosa homenagem  
De seu justo fervor, pois o deus dadivoso  
O colmara de dons cada qual mais precioso:  
Do próprio Febo tinha a serena beleza,  
A cabeleira flava, a mágica destreza  
Em dedilhar a lira e disparar as setas.  
Venus lhe consagrara as ternuras secretas  
Da vaidade afagada em melindroso assomo,  
Quando as rivais venceu, ganhando-lhes o pomo  
Da beleza. Entretanto, outra fora a sentença  
Caso Helena também pleiteasse a recompensa...  
Certo naquele instante assim pensava Paris,  
Vendo dessa mulher as graças singulares...  
Bela como uma deusa, era mortal no entanto!  
Um pensamento mau brotou naquele encanto...  
E nisto o anfitrião encheu de vinho a taça  
De Recus e ofertou-lha. É assim que se traça  
A sentença fatal no livro do destino!  
Paris bebeu... bebeu... um êxtase divino,  
Uma exquisita ebriez transtornou-lhe os sentidos...  
Olhou... Helena olhou... sentiram-se perdidos...

Mais tarde, sobre a nau, a demandar seus lares,  
Nos braços apertava o afortunado Paris  
Da rainha de Esparta o corpo langoroso,  
E, na taça de carne, a ambrosia do gozo,  
Bem mais grato que o Cós na aurilavrada jóia,  
Sorvia...

E depois houve a guerra de Tróia.

---